

**POESIA DO CORPO / CORPO DA POESIA**  
**(Tensões eróticas e existenciais em Carlos Drummond de Andrade)**

Angélica Soares  
UFRJ

As tensões que ressaltamos acima constituem-se como marca inalienável da poesia de Carlos Drummond de Andrade. O erotismo sempre esteve presente na obra drummondiana, presença que culmina com a publicação de *O amor natural*, em 1992, cinco anos após a morte do poeta. Drummond, de modo superlativo, deixou-nos o testemunho poético da permanência do dinamismo mítico de Eros no nosso imaginário (que é sobretudo o da tensão entre excesso e carência e o da busca de continuidade do ser).

Em “Amor – pois que é palavra essencial”, o mito platônico assim se recria:

Amor – pois que é palavra essencial  
comece esta canção e toda a envolva.  
Amor guie o meu verso, e enquanto o guia,  
reúna alma e desejo, membro e vulva.

Quem ousará dizer que ele é só alma?  
Quem não sente no corpo a alma expandir-se  
até desabrochar em puro grito  
de orgasmo, num instante de infinito?

O corpo noutro corpo entrelaçado,  
fundido, dissolvido, volta à origem  
dos seres, que Platão viu completados:  
é um, perfeito em dois; são dois em um.

Integração na cama ou já no cosmo?  
Onde termina o quarto e chega aos astros?  
Que força em nossos flancos nos transporta  
a essa externa região, etérea, eterna?<sup>1</sup>

O poema nos conduz às origens de Eros, essa força espiritual misteriosa, sempre inquieta e insatisfeita, já que nasce da união de Poros (Recurso) e Pênia (Pobreza);<sup>2</sup> o que no verso se indica ao recriar-se a vivência fugaz da “integração” que nos aproxima da continuidade do ser

---

<sup>1</sup> ANDRADE, Carlos Drummond. *O amor natural*. Rio de Janeiro: Record, 1992. p. 5.

<sup>2</sup> DICIONÁRIO DE MITOLOGIA GRECO-ROMANA. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1976. p. 63-4.

(remetendo-nos à herança paterna) e pelo retorno ao estado descontínuo<sup>3</sup> de carência (aludindo à herança materna) – após o “instante de infinito”. O excesso atingido pela expansão da alma (“até desabrochar em puro grito/de orgasmo”) insere no verso a densidade psicológica do erotismo e o seu caráter exclusivamente humano, o que levou Octavio Paz a reconhecê-lo como “sexualidade socializada e transfigurada pela imaginação e vontade dos homens”.<sup>4</sup> Drummond não nos deixa esquecer também, com a inferência à dinâmica mítica permanecida, que, da união de Eros e Psiquê, nasce Volúpia.

A referência poética ao desejo de fusão e de dissolução de um corpo em outro corpo, por sua vez, remonta ainda aos primórdios do pensamento ocidental, a nos permitir a vivência de um acontecer destinado, inscrito por Platão na fala de Aristófanes, no Banquete, quando nos relata o seccionamento determinado por Zeus de nossa natureza andrógina primitiva, pelo que “cada uma das metades pôs-se a procurar a outra “ (...) a fim de se unirem para sempre (...) procurando de dois fazer um só, e assim restaurar a antiga perfeição”.<sup>5</sup>

As imagens drummondianas recuperam a verdade primordial, que refazemos a cada experiência ilusória e simbólica de vivência da unidade erótica-amorosa. Esta unidade, o poeta explicita, também, como guia da criação literária, que põe sempre em jogo “a consciência literária do erotismo e a consciência erótica do literário”;<sup>6</sup> do que merece destaque o poema “O quarto em desordem”. Aí, ao refletir-se poeticamente sobre o erotismo, se reflete sobre a palavra que o designa: “amor”, construindo-se uma metalinguagem erótica, na qual não se distinguem os limites da fala do corpo e do corpo da fala poética:

Na curva perigosa dos cinqüenta

---

<sup>3</sup> BATAILLE, Georges. *O erotismo*. 2. ed. Trad. João Bénard da Costa. Lisboa: Moraes, 1980. p. 91-2.

<sup>4</sup> PAZ, Octavio. *A dupla chama*; amor e erotismo. 2. ed. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1995. p. 16.

<sup>5</sup> PLATÃO. Banquete. In: \_\_\_\_\_. *Diálogos*: Mênon, Banquete, fedro. Trad. Jorge Paleikat. Porto Alegre: Globo, 1945. p. 115-84.

<sup>6</sup> SOARES, Angélica. *A paixão emancipatória*; vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira. Rio de Janeiro: Difel, 1999. p. 35.

derrapei neste amor. Que dor! que pétala  
sensível e secreta me atormenta  
e me provoca à síntese da flor

que não sabe como é feita: amor,  
na quinta-essência da palavra, e mudo  
de natural silêncio já não cabe  
em tanto gesto de colher e amar

a nuvem que de ambígua se dilui  
nesse objeto mais vago do que nuvem  
e mais defeso, corpo! corpo, corpo,

verdade tão final, sede tão vária,  
e esse cavalo solto pela cama,  
a passear o peito de quem ama.<sup>7</sup>

Assim, não só o corpo da amante (“... pétala sensível e secreta...”, a provocar “à síntese da flor”, na fantasia erótica poematizada), mas também a “palavra” se constituem como objetos de desejo, ambos levados ao último apuramento, à sua “verdade final”, a uma visibilidade de ser e de dizer, que culmina com a animalidade humana, evocada nos versos finais.

Com relação ao aspecto animal, alerta-nos Bataille: “a beleza negadora da animalidade, que faz despertar o desejo, culmina na exasperação do desejo, na exaltação das partes animais”.<sup>8</sup> E, embora comece o erotismo “onde o animal acaba; a animalidade é sempre o seu fundamento. Desse fundamento, a humanidade desvia-se com horror, embora, ao mesmo tempo, o mantenha”.<sup>9</sup>

Em “O lutador”, um dos mais famosos metapoemas de Drummond, ele nos dá as chaves de entendimento do trabalho poético como um duelo amoroso com as palavras, que “jamais se resolve”. Daí a busca incessante do sentido, que parece evaporar-se, a cada peleja:

Lutar com palavras  
é a luta mais vã.  
Entanto lutamos  
mal rompe a manhã.  
São muitas, eu pouco  
Algumas, tão fortes

---

<sup>7</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião*; 10 livros de poesia. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 203.

<sup>8</sup> BATAILLE. Op. cit. p. 128.

<sup>9</sup> Ibidem. p. 84.

como o javali.  
Não me julgo louco.  
Se o fosse, teria  
poder de encantá-las.  
Mas lúcido e frio,  
apareço e tento  
apanhar algumas  
para meu sustento  
num dia de vida.  
Deixam-se enlaçar,  
tontas à carícia  
e súbito fogem  
e não há ameaça  
e nem há sevícia  
que as traga de novo  
ao centro da praça.

.....

Palavra, palavra  
(digo exasperado),  
se me desafia,  
aceito o combate.  
Quisera possuir-te  
neste descampado,  
sem roteiro de unha  
ou marca de dente  
nessa pele clara.  
Preferes o amor  
de uma posse impura  
e que venha o gozo  
da maior tortura.

Luto corpo a corpo,  
luto todo o tempo  
sem maior proveito  
que o da caça ao vento.  
Não encontro vestes,  
não seguro formas,  
é fluido inimigo  
que me dobra os músculos  
e ri-se das normas  
da boa peleja.

.....

O calor do dia  
ora se conclui  
e o inútil duelo  
jamais se resolve.  
O teu rosto belo,  
ó palavra, esplende  
na curva da noite  
que toda me envolve.  
Tamanha paixão  
e nenhum pecúlio.

Cerradas as portas,  
a luta prossegue  
nas ruas do sono.<sup>10</sup>

Octavio Paz reconheceu, de modo irretocável, a natureza poética do erotismo, que diz, simultaneamente da natureza erótica do poético, na seguinte formulação: “A relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda, uma erótica verbal”.<sup>11</sup>

No poema transcrito, a palavra é desejada como se deseja alguém que, ora se entrega ao prazer, permitindo que o poeta capte sua essência, ora foge, mas sempre alimentando a paixão. Na criação literária projeta-se, assim, a mesma articulação entre fartura e insuficiência, que configura a vigência de Eros. Projeta-se também a tensão erótica de transgressão e interdição, no “corpo a corpo” em que se constitui o “combate” amoroso literário, que pode atingir a violência, na busca da ultrapassagem das “...normas /da boa peleja”. Na imagem da “tortura”, de onde emerge o gozo, guarda-se o sentido da dificuldade de penetração no “mistério” da palavra, muito ao contrário do jogo fácil da inspiração. E “a luta prossegue/nas ruas do sono”: uma referência possível ao concurso, na criação literária, do imaginário, que se aloja no inconsciente do poeta, também através do sonho noturno.

Heidegger já lembrara a condição de vigília dos poetas ao apelo da *linguagem*, geradora das diferentes modalidades do dizer poético: “A *linguagem* é a casa do Ser. Em sua habitação mora o homem. Os pensadores e poetas lhe servem de vigias. Sua vigília é con-sumar a manifestação do Ser, porquanto, por seu dizer, a tornam linguagem e a conservam na

---

<sup>10</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. Op. cit. Nota 7. p. 67.

<sup>11</sup> PAZ, Octavio. Op. cit. p. 12.

linguagem”.<sup>12</sup> E, como poucos, Drummond soube levar a palavra ao sumo, à plenitude, na incansável luta pelo desvelamento da essência humana.

O poeta de Itabira não esqueceu também o reconhecimento de que, assim como o desejo não se realiza completamente nos limites da vida, o poema, embora inclusivo do Silêncio, não dá conta, totalmente, do sentido da Poesia, que guarda sempre o “Segredo” da existência, no seu percurso de desvelar-se, velando-se:

A poesia é incomunicável.  
Fique torto o seu canto.  
Não ame.  
.....<sup>13</sup>

O amor e a poesia, constantemente poematizados juntos, são também conjuntamente problematizados; o que confere aos versos e aos entre-versos drummondianos um caráter crítico, diante da vida e em meio a ela; diante da palavra e em meio à palavra. Esta, enquanto objeto do desejo, se lança em frente do poeta para, ao deixar-se penetrar, transformar-se em objeto erótico; o que se nega, paradoxalmente, enquanto objeto,<sup>14</sup> na medida em que seus contornos se confundem com os do sujeito desejante, no momento da união. Assim é que, em “Aliança”:

Deitado no chão. Estátua,  
mesmo enrodilhada, viaja  
ou dorme, enquanto componho  
o que já de si repele  
arte de composição.  
O pé avança, encontrando  
a tepidez do seu corpo  
que está ausente e presente,  
consciente do que pressão  
vale em ternura. Mas viaja  
imóvel. Enquanto prossigo  
tecendo fios de nada,  
moldando potes de pura  
água, loucas estruturas  
do vago mais vago, vago.  
Oh que duro, duro, duro

<sup>12</sup> HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro:: Tempo Brasileiro, 1967. p. 24-5.

<sup>13</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. Op. cit., Nota 7. p. 41.

<sup>14</sup> BATAILLE. Op. cit. Nota 3.p. 116.

Desse modo, na “arte de composição” se faz sentir o enriquecimento como marca, no corpo, da proximidade do prazer e como marca, no tecido da construção poética, de “...loucas estruturas/ do vago mais vago, vago”. Essa provocação do prazer leva o poeta a prescrever em “Procura da poesia”:

.....  
 Penetra surdamente no reino das palavras.  
 Lá estão os poemas que esperam ser escritos  
 Estão paralisados, mas não há desespero,  
 há calma e frescura na superfície intata.  
 Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.  
 Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.  
 Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.  
 Espera que cada um se realize e consume  
 com seu poder de palavra  
 e seu poder de silêncio.  
 Não forces o poema a desprender-se do limbo.  
 Não colhas no chão o poema que se perdeu.  
 Não adules o poema. Aceita-o  
 como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada  
 no espaço.

Esse tratamento que se deve, drummondianamente, dar à palavra, pode ainda ser lido nas entrelinhas, como o ideal relacionamento com o ser amado: uma receita poética de conquista, amorosamente construída, sem jogo de poder – “Não forces o poema a desprender-se do limbo”; sem atuação servil – “Não adules o poema”; simplesmente procurando compreender (apreender compartilhadamente) as diferenças, as “mil faces secretas sob a face neutra”. O amor e a arte, assim, se configuram como uma *pro-cura*, um levar adiante a tarefa de recondução do ser humano à sua Essência, esquecida pelo excesso de tecnocracia que vem dominando o pensamento ocidental.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. Op. cit. Nota 7. p. 160.

<sup>16</sup> Ibidem. p. 77.

<sup>17</sup> HEIDEGGER. Op. cit. p. 34.

Quem sabe, em últimas instâncias, Drummond, ao ironizar em “Os materiais da vida”, a reificação do amor, não estaria ainda denunciando, ludicamente, essa desumanização progressiva do homem e a sua transformação em mercadoria? Atentemos para o poema no qual, pela neologização, propositadamente excessiva da língua, se metaforizam as experiências limitantes da expressão e do erotismo, que correm sempre o risco de explodirem num sem sentido, quando utensilizados:

Drls? Faço meu amor em vidrotil  
nossos coitos serão de modernfold  
até que a lança de interflex  
vipax nos separe  
em clivilux  
Camabel camabel o vale ecoa  
sobre o vazio de ondalit  
a noite asfáltica  
plkx<sup>18</sup>

Em Drummond, no entanto, mesmo as imagens da escuridão, da “noite asfáltica” do vazio existencial iluminam o nosso percurso, sob os desígnios de Eros, cuja atuação, construtiva e agregadora, nos alerta para os perigos do viver anti-ecológico, da desterritorialização do ser humano, da sua alienação, tornando-se estranho para si mesmo, esvaziando-se de sua humanidade em “clivilux”. Isto porque o poeta se sabe “terra estrumada”, pronta para o cultivo da “Flor experiente”:

Uma flor matizada  
entreabre-se em meus dedos,  
já sou terra estrumada  
– é um de meus segredos.  
Careceu vida lenta  
e mais que lenta, peca  
para a cor que ornamenta  
esta epiderme seca.  
Assino-me no cálice  
de estrias fraternais.  
O pensamento cale-se.  
É jardim, nada mais.<sup>19</sup>

<sup>18</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. Op. cit. Nota 7.

<sup>19</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. 3. ed. Rio de Janeiro:: Record, 1984. p. 32.



O autoconhecimento do poeta como solo fértil para o cultivo da “flor matizada” provoca-nos a pensar sobre o sentido originário da cultura. Manuel Antonio de Castro lembra-nos que, etimológica e existencialmente, a cultura:

É o cultivar, o trato e as técnicas que permitem o industrioso fabrico da mãe terra. É o habitar: o espaço cultivado não é apenas o espaço conhecido culturalmente, mas igualmente a porção de terra habitável (...) Como para além do conhecido há o que não pode ser conhecido, o homem sensível ao mistério, cultua. O cultuar é ainda uma manifestação da possibilidade do homem como cultura.<sup>20</sup>

A poesia, enquanto manifestação da nossa humanidade, assume sempre esse tríplice sentido da cultura, que longe da perspectiva redutora da conceituação eruditizante, é tudo o que “o homem faz, pensa, sente e crê; é o âmbito da convivência ou a realização de um mundo. Mundo este que é o homem enquanto dinâmica, como dialética realizado/realizável”.<sup>21</sup> Esse sentido de mundo se metaforiza com a imagem do “jardim”. O poema, antes de inscrever-se na folha em branco, nasce no corpo do poeta, “entreabre-se” eroticamente entre seus dedos. E, lentamente vai deixando suas marcas estriadas: solidariamente, porque “fraternais” e espontaneamente, porque, calado o pensamento, permite-se o abrir-se em flor. Assim, o criador habita o espaço da poesia e o cultua, vivenciando-o desde dentro de seu mistério (feito de palavra e silêncio). Eis um dos segredos drummondianos, agora revelados: o exercício erótico e, por isso, também, superlativamente humano, da linguagem literária.

Drummondianamente, o amor e o erotismo iluminam a literatura brasileira, levando-nos a sentir e a refletir, num ato simultâneo, que nos deixa daro ser a leitura, ela também, uma experiência erótica, e que traz à luz o próprio modo de operar erótico da linguagem literária.

---

<sup>20</sup> CASTRO, Manuel Antonio de. Nem bacharelismo nem tecnocracia. Comunicação feita no “Primeiro Encontro Latino-americano de Educação através da Arte”. Rio de Janeiro: UERJ, 1977. (mimeo)

<sup>21</sup> Ibidem.